



e1980-4180 — p1808-589X

CONCEPÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE PARA PROFESSORES(AS): REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

*CONCEPTIONS OF GENDER AND SEXUALITY FOR
TEACHERS: SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW*

Diane Ângela Cunha Custódio

Doutoranda em Educação - Pontifícia Universidade Católica de Goiás

E-mail: diane.custodio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0585-8116>

Teresa Cristina Barbo Siqueira

Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás

E-mail: teresacbs@terra.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-5213-011X>

Recebido em: 10 outubro de 2021

Aprovado em: 20 novembro de 2021



Artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença **Creative Commons Attribution**, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Resumo:

As *escolas* abertas à diversidade sexual são vistas como um lugar democrático e emancipatório, um espaço de todos (as) e para todos (as), em que as diferenças sejam reconhecidas e valorizadas. A presente revisão sistemática da literatura analisou produções científicas nacionais publicadas entre 2010 e 2016, com o objetivo de investigar as concepções dos (as) professores (as) em relação às questões de gênero e sexualidade. Foram pesquisadas na base de dados SciELO, LILACS e EDUC@, considerando critérios de inclusão/exclusão, foram selecionadas 12 publicações para análise. O referencial teórico adotado para a discussão foi baseado nas reflexões de Foucault, Butler e Louro. Destaca-se a urgência de avançar no debate e investir em capacitação docente sobre a temática.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Professores/as. Diversidade Sexual

Abstract:

Schools open to sexual diversity are seen as democratic and emancipatory place, as a place of all and for all, where the differences are recognized and valued. This systematic review of the literature analyzed the national scientific productions published between 2010 and 2016, with the objective of investigating teachers conceptions regarding gender and sexuality questions. Were searched in the SCIELO, LILACS and EDUC@ databases, considering inclusion/exclusion criteria, which 12 publications were selected for analysis. The theoretical reference adopted for the discussion was based on the reflections of Foucault, Butler, Louro, Figueiró. It stands out the urgency of advancing the debate and investing in teacher training about the thematic.

Key Words: Gender. Sexuality. Teachers. Sexual diversity

INTRODUÇÃO

Os corpos somente são o que são na cultura. Sendo assim, os significados de suas marcas não apenas deslizam e escapam, mas são também múltiplos e mutantes.

[*Louro*]

Este artigo tem como objetivo analisar produções científicas do período de 2010 a 2016, relacionadas às concepções de professores/as, sobre a temática de gênero e sexualidade. Essas inquietações, indignações e angústias nascem a partir da minha experiência, como professora de educação física atuante em duas escolas no estado de Goiás, nas quais me deparava com os silenciamentos, negações e omissões por parte da escola e dos (as) professores (as) tanto no currículo, quanto nas relações estabelecidas frente a este tema. As diversidades sexuais e a sexualidade eram tomadas como tabu pelas escolas, e os jovens trocavam suas descobertas e curiosidades entre os pares, permeando o espaço escolar e legitimando que aquele lugar era de reafirmação, espaço político e emancipatório. Havia um argumento interno que a falta de informação em relação às questões sexuais poderia proteger às crianças de comportamentos considerados impróprios para sua idade.

A escola reproduz um espaço disciplinar e normatizador, não permitindo que a diversidade sexual se tornasse manifesta, até mesmo no que se refere ao conhecimento, restringindo a questões de anatomia humana ou em raros casos palestras para prevenção de gravidez, destinadas mais para as meninas. Segundo Felipe (2000), pode-se observar que sempre se pensou em uma educação diferenciada para meninos e meninas, partindo-se do pressuposto de que havia uma essência capaz de conduzir os sujeitos de determinadas maneiras. Essas representações de masculino e feminino parecem ter contribuído para a construção de uma “verdade” sobre os gêneros.

Para contextualizar esta problemática, utilizaremos como referência teórica a perspectiva pós-estruturalista de autores como Foucault e Butler, para percebermos a influência da cultura na construção de concepções sobre gênero e sexualidade. Em

seguida recorreremos a Louro, Felipe, Figueiró para nos auxiliar no debate da educação sexual, educação escolarizada e diversidade sexual. As reflexões sobre este tema são cada vez mais necessárias para os profissionais da área da educação, nesse sentido torna-se de suma importância analisar as percepções dos/as professores/as, assim como identificar as práticas interventivas utilizadas por eles e elas. Trata-se, portanto, de um convite para discutir as possibilidades de pensarmos a escola a partir da igualdade de gênero e da diversidade sexual.

MÉTODO DE PESQUISA

A revisão sistemática da literatura é uma forma de sintetizar as informações disponíveis sobre um tema específico em um determinado momento. Utiliza-se um método sistemático de busca e seleção das pesquisas, além de especificar os critérios de inclusão e exclusão dos artigos na pesquisa (VIEIRA; HOSSNE, 1984).

A presente revisão sistemática foi elaborada em três etapas. Em um primeiro momento, foi realizada uma busca junto às bases de dados digitais com os descritores “gênero and sexualidade and professores”, enfocando-se o período de 2010 a 2016. As bases de dados utilizadas foram: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), LILACS e EDUC@. No levantamento inicial foram encontrados 65 estudos e apenas 13 preencheram os critérios de inclusão. Foram excluídos os artigos em capítulos de livros, teses, dissertações de mestrado ou outras publicações que não estavam disponíveis online gratuitamente, assim como aqueles que se repetiram e as que não abordavam a percepção de gênero, sexualidade, diversidade sexual a partir da visão dos/das professores/as. Foram incluídos somente os trabalhos científicos brasileiros.

AUTORES	TÍTULO DO ARTIGO	INFORMAÇÕES SOBRE A PUBLICAÇÃO
Salles, L. M. F., Lima, M.T.O.	Alterações de um olhar cristalizado, dos educadores para seus alunos e alunas.	Educação: Teoria e Prática/ Rio Claro/ Vol. 24, n.45/ p. 03-22/ Jan-Abril. 2014
Machado, A.G., Pires, R.G.	Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de educação física.	Motrivivência v. 28, n. 48, p. 360-375, setembro/2016
Gesser, M., Oltamari, L. C., Panisson, G.	Docência e concepções de sexualidade na educação básica.	Psicologia & Sociedade, 27(3), 558-568, 2015
Madureira, A. F. A., Branco, A. U.	Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola a partir da Perspectiva de Professores/as.	Trends in Psychology/ Temas em Psicologia – 2015, Vol. 23, nº 3, 577-591
Silva, D. Q.	A produção do normal e do anormal: um estudo sobre crenças de gênero e sexualidade entre professores de escolas municipais de Novo Hamburgo.	Subjetividade e processos cogn. vol.16 no.1 Ciudad Autónoma de Buenos Aires ene./jun. 2012
Avila, A. H., Toneli, M. J.F., Andaló, C.S.A.	Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar.	Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 2, p. 289-298, abr./jun. 2011
Nardi, H., Quartiero, E.	A diversidade sexual na escola: produção de subjetividade e políticas públicas.	Revista mal estar e subjetividade-fortaleza- vol. Xi- Nº 2 - p. 701 - 725 - jun/2011
Silva, D. R. Q., Bertuol, B.	Novos olhares para a pedagogia de gênero na educação infantil.	Univali periódicos.v14n3.p448-463-2014
Nardi, H., Quartiero, E.	Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar.	Revista latino-americana ISSN 1984-6487 / n.11 - ago. 2012 - pp.59-87

Dornelles, P.G., Dal'Ignai, M.C.	Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar.	Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1585-1599, dez., 2015.
Quirino, G. S., Rocha, J.B.T	Prática docente em educação sexual em uma escola pública de juazeiro do norte, CE, Brasil	Ciênc. Educ.,Bauru, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013
QUIRINO, G. S., ROCHA, J. B. T	Sexualidade e educação sexual na percepção docente.	Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012. Editora UFPR

Fonte: Dados primários da pesquisa (2021)

SEXUALIDADE: UM ESPAÇO DE DISPUTAS

A sexualidade é uma concepção construída socialmente de acordo com os contextos históricos e culturais vivenciados, indo de encontro com as relações de poder, as crenças religiosas, a política, a ideologia dominante, esses fundamentos estruturam as relações humanas. Foucault, a partir das genealogias de poder, analisa os discursos sobre a sexualidade no Ocidente considerando o que eram práticas sexuais ilegítimas quando não correspondia ao modelo heterossexual da família reprodutora, adotando assim um padrão normal que era atribuído a heterossexualidade e anormal para a homossexualidade. Para Foucault (1988) entre o século XVIII e XIX a sexualidade humana é enredada em relações de poder, atribuídas a um modo certo de ser e viver a sexualidade em espaços, tempos e culturas.

O dispositivo da aliança era o que prevalecia antes mesmo do dispositivo da sexualidade, era regida pelo matrimônio, continuidade dos nomes e bens. Para Foucault (1988) já o dispositivo de sexualidade está relacionado à economia através dos corpos, que são valorizados como objetos de saber e como elementos nas relações de poder, neste sentido, o poder controla as sociedades. Foi em torno do dispositivo de aliança que o dispositivo de se-

xualidade se instalou, mas hoje é o dispositivo de sexualidade que sustenta o de aliança. (FOUCAULT, 1988). Nesse contexto,

Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos [...] regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal [...]. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereceriam de qualquer modo, condenação (Foucault, 1988, p.38-39).

Butler (2003) inspira-se no trabalho de Foucault, trazendo em suas contribuições que a principal marca da modernidade é o controle político do corpo, problematizando as identidades de gênero e desvinculando o biológico do social, reafirmando que os comportamentos de homens e mulheres não são inatos, mas sim das regras sociais vigentes que determinam o que é o feminino e o que é o masculino em nossa sociedade.

Segundo Butler (2003), o sexo assume uma instância política, um produto de discursos científicos que constituem interesses políticos e sociais reguladores.

Para Foucault na modernidade a ciência e o poder se misturaram até o ponto de se fundirem. O resultado dessa união teria resultado a “tecnologia disciplinar”, que consiste na técnica científica que cria o padrão de comportamento “correto” e o “errado”. Não se contemplava o termo diversidade, as pessoas consideradas diferentes, ou qualquer sujeito que não se encaixasse na normalidade “heteronormativa” eram classificados por psiquiatras e psicólogos como casos patológicos, aberrações.

[...] uma multiplicidade de discursos, produzidos por toda uma série de mecanismos que funcionam em diferentes instituições. Houve uma [...] explosão de discursividades distintas, que tomaram forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral, na crítica política. (Foucault, 1988, p. 35).

Nesse contexto, a história da sexualidade mostra-se como culturalmente construída, “ela é uma invenção social, uma vez que

se constrói historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdades” (LOURO, 2001, p. 11).

Para Butler, a separação entre sexo e gênero ou inato e construído culturalmente, pressupõe uma distinção total entre o mundo interno e o externo que é improcedente. O sexo que o sujeito nasce é a característica de um corpo cuja delimitação não é afrontada pelo contexto em que está inserido. O gênero representa a relação causal entre sexo, gênero e desejo por meio da repressão a determinados comportamentos. (BUTLER, 2003).

ESCOLA E FAMÍLIA: NORMALIZAÇÃO DA SEXUALIDADE E DE GÊNERO

Na maioria das vezes, as questões sobre sexualidade não são expostas e discutidas, nos ambientes escolares e na própria família, tornando-se algo que não é permitido comentar, tendo em vista que:

O silêncio sobre as questões de gênero e sexualidade pode se constituir numa prática que tende a reforçar ou a reproduzir aquilo que alguns chamam de inocência, mas que prefiro chamar de ignorância. Para questionar e tentar romper as desigualdades sociais, parece ser necessário, portanto, mais que desejo. Além da indispensável vontade política, é preciso, também, buscar a informação e o diálogo. (LOURO, 1997, p. 73)

Entende-se gênero a partir de uma “ideia que se contrapõe a essência (masculina e feminina) natural, universal e imutável, enfatizando os processos de formação histórica, linguística e socialmente determinadas”. (FELIPE; GUIZZO, 2008, p. 33)

Para Louro (2000) a escola entende e produz as diferenças e a exclusão. “Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso” (LOURO, 2000, p.57). Essa segmentação também se deu pela categorização, disciplina e hierarquização dos sujeitos.

A educação não se dá apenas no âmbito escolar, mas está em toda parte, através da televisão, revistas, internet, que atualmente devido ao grande acesso à informação estão disponíveis também para as crianças. Essas instâncias culturais também são pedagógicas, na medida em que sempre ensinam alguma coisa. Nota-se que temas relacionados à diversidade cultural, aos discursos que estão presentes na mídia sobre os modos de ser homem e ser mulher, as relações de poder entre os sexos, entre outras coisas, não chegam sequer a serem trabalhadas nas escolas. (FELIPE; GUIZZO, 2008).

Para Louro (2000) a linguagem instala as posições dos gêneros afirmando o lugar do feminino como algo menor. Como afirma:

Tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado — os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais pela escola. (LOURO, 2000, p. 67).

Louro (1997) quando afirma que ainda há uma difícil barreira para um jovem se reconhecer como homossexual, pois ele precisa se desvincular dos significados que aprendeu a associar pela cultura heteronormativa. “Como se reconhecer em algo que se aprendeu a rejeitar e a desprezar?” As crianças crescem ouvindo que ser homossexual é anormal, ruim ou feio (LOURO, 1997, p. 83). Isso faz com que muitos jovens gays ou lésbicas, principalmente em idade escolar, se reconheçam como desviantes, indesejados ou ridículos (Louro, 1997), pois

a escola não é um espaço isento aos preconceitos sociais. De forma que seus muros não impedem a entrada dos preconceitos sexistas, de classe, étnico-raciais e por orientação sexual. A escola é um espaço sociocultural no qual se estabelecem situações conflituosas permeadas de contradições que se por um lado, reproduz ideologias preconceituosas, por outro, pode contribuir para a superação de preconceitos e para a transformação social” (FREIRE; CISNE, 2015, p. 3).

Portanto, a diversidade sexual é determinada por fatores, biológicos, sociais e subjetivos, esses fatores influenciam o indi-

víduo, porém cada pessoa é singular, possuem suas próprias histórias, seus desejos, os seus próprios modos de ser e sentir. É a subjetividade que torna possível a diversidade. Nessa perspectiva, os sujeitos constroem ao longo de suas vidas formas de se relacionarem consigo e com o/a outro/a e, isto que significa representatividade e diversidade sexual, é poder ser quem desejamos ser, independentemente de sexo, identidade sexual, identidade de gênero e orientação sexual (FIGUEIRÓ, 2016). Percebe-se que nem todos os sujeitos possuem sua identidade reconhecida e respeitada socialmente, quando não correspondem a um padrão de normalidade ou o esperado socialmente, por não pertencerem a essa lógica normatizante, os sujeitos são excluídos, discriminados e violentados, nos diferentes locais que circulam, inclusive na escola (LOURO, 1997), tendo em que

gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras. E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. (LOURO, 1997, p. 65).

As escolas abertas à diversidade sexual são vistas como um lugar democrático e emancipatório, um local saudável que contribui com o desenvolvimento integral dos alunos, já que a educação é um dos maiores instrumentos de afirmação e reconhecimento. A afirmação como ato político de pertencimento, respeito à singularidade dos sujeitos, independentemente de sua orientação sexual, estimulando a convivência harmônica entre as pessoas, visando que a diferença não ocupe o lugar que autorize a inferiorizarão, silenciamentos, constrangimentos e agressões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Convém destacar que a amostra de estudos analisada é apenas um recorte das pesquisas sobre gênero e sexualidade na educação básica, considerando as bases de dados selecionadas, os descritores e os critérios de seleção utilizados nesta revisão. Importante destacar que não foi encontrado diferenças nos discursos analisados em 2011, referente aos estudos mais recentes. Evidencia-se que a sexualidade é tomada como um tabu nas escolas e que as práticas exercidas são de correção, ordenação e de diferenciação entre o normal e o desviante. Foucault relata que as verdades no contexto da modernidade Ocidental estavam atreladas ao crescimento econômico burguês, a formação do capitalismo e a ciência médica, biológica e psicológica, esses fatores relacionam o sexo e a sexualidade como um modo de repressão, o poder dita quais são condutas legítimas e ilegítimas.

[...] a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; [...] o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. Todas estas figuras, outrora apenas entrevistas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo (FOUCAULT, 1988, p. 39).

Percebe-se nos discursos que a escola é um espaço de todos e todas, mas evidencia-se uma prática e uma conduta hegemônicas de masculinidades e feminilidades havendo exclusão e marginalização dos aspectos que envolvem a diversidade sexual. Os/as professores segundo os artigos analisados tornam a concepção binária legítima, relacionando atribuições específicas do feminino e do masculino. No enunciado da medicina grega, o ser humano é considerado binário por constituição; “ele é feito para viver a dois, numa relação que, ao mesmo tempo, lhe dê uma descendência e lhe permita passar a vida com um parceiro” (FOUCAULT, 1985, p. 155).

Os artigos problematizados foram todos de escolas públicas, das regiões do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil. Um único estudo contemplou a educação infantil denominado “Novos olhares para as pedagogias de gênero na educação infantil”, o restante verificou a percepção de educadores/as do ensino fundamental e médio. Ambos os estudos detectaram a falta de conhecimento, silenciamento e até práticas de normatização dos corpos dos/as alunos/as.

Podemos afirmar que segundo a análise dos artigos a pedagogização da sexualidade conduz para a prática de modelos heteronormativos de ser e estar no mundo. Mantendo os discursos na continuidade do binarismo e no ocultamento das diferenças. Portanto, as pedagogias culturais legitimam o que é considerado correto e aceitável para o comportamento dos (as) alunos (as).

Nos 12 artigos analisados todos apontaram que as concepções dos/das professores/as são pautadas em práticas de negação e heteronormatização das diversidades sexuais e que há valores morais e pessoais na condução das práticas. A repressão da sexualidade funciona como modos de silenciar práticas sexuais consideradas anormais, correspondendo ao modelo da família reprodutora, homem e mulher. Para Foucault (1988) a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade.

Também foi possível analisar que o pouco conhecimento sobre as temáticas de gênero e sexualidade é um dos fatores pelos quais os/as professores/as, ainda ensinam modos de ser e de se comportar de maneira diferenciada e desigual para meninos e meninas, não ampliando o leque para questões de gênero como uma construção social. Rosa (2008) escreve sobre o quanto os corpos são modificados pela cultura e o quanto investe-se num corpo. “De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos”. (LOURO, 1999 apud ROSA, 2008, p. 19).

Como afirma Louro (1997), desde antigamente os modos de educação já ensinavam o modo de sentar e andar, a forma de distribuir os materiais, produzindo um corpo escolarizado, dife-

renciando meninos e meninas e isso segue até os dias de hoje. A autora diz que a tarefa mais urgente é desconfiar do que é tomado como “natural”. Deve-se começar a problematizar mais a naturalidade de meninos e meninas se separarem para fazer trabalhos na sala de aula, para ir para o intervalo e para brincarem com determinados brinquedos.

Assim, necessitamos expandir nossa capacidade de olhar e ouvir para nos responsabilizarmos com as diferenças, com a complexidade das questões de gênero, sexualidade, classe. Para Louro (1997) “se essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares, se estamos nós próprias/os envolvidas/os nesses arranjos, não há como negar que essa é uma tarefa difícil” (p. 64). A importância da responsabilização também é levada em conta pela autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que os discursos dos/das professores/as revelam a normatização e o silenciamento da sexualidade no âmbito escolar. É indispensável refletir sobre essas atribuições cristalizadas do que é ser homem e mulher, dos padrões heteronormativos, já que os/as professores/as assumem um lugar de produção da exclusão. Percebe-se também uma fragilidade da escola em lidar com a diversidade sexual e a manifestação da sexualidade, logo, pensar em um projeto de escola que se coloca a serviço da emancipação é fortalecer a luta pela liberdade e igualdade de todos/as.

Nesse sentido, é essencial investir em formação que abranja a educação sexual, diversidade e gênero para que os/as professores/as rompam com os tabus e com a reprodução de suas próprias verdades, crenças, estabelecidas culturalmente.

Considerando as interrogações referentes à problemática ainda existe uma lacuna científica de produções a ser preenchida, e é isto que nos inquieta a buscar alternativas para lidar com as questões da sexualidade e da diversidade sexual. Refletir sobre o tema é extremamente relevante para pensarmos nas estratégias de intervenção.

Compreendemos que essa problemática passou e vem enfrentando várias lutas e (des) construções ao longo dos anos. Portanto, isto é um campo de afirmação e responsabilidade da escola e dos/as professores/as de tornar a diversidade possível de ser vivenciada nos espaços escolares e dilatada para outros espaços da sociedade. Existe uma urgência em construir uma educação inclusiva que olhe, escute e acolha todos os sujeitos.

Para pesquisas futuras sugere-se a consulta a outras bases científicas, além de considerar um período maior de tempo das publicações.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.
- FELIPE, Jane. Infância, Gênero e Sexualidade. **Os nomes da infância. Educação & Realidade**, Porto Alegre: v. 25, n. 1, 2000, p. 115-134.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, S. Bianca. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2008, p. 31 – 40.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. In: **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum** Londrina : UEL, 2009. p. 141-171.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FREIRE, Dheniffer José Ferreira; CISNE, Mirla. Educa- 180 Aline Muras de Oliveira Pino ção pública e heterossexismo: uma análise de expressões ideológicas do patriarcado no ensino fundamental. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 7., 2015, São Luís. **Anais...** São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2015. p. 1-12. Disponível em: . Acesso em: 16 set. 2016.
- LOURO, G. L. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 2002.

LOURO, Guacira L. Sexualidade e Gênero na escola. **NH na Escola – Jornal NH**, 27 set 1997, p. 69-73.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2. ed., 2001.

_____. Corpo, escola e identidade. Porto Alegre: **Educação & Realidade**, v. 2, n. 25, 2000

ROSA, Graciema de Fátima. O corpo feito cenário. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008, p. 17 – 30.

VIEIRA, S.; HOSSNE. W. S. **Metodologia científica para a área da saúde**. Rio de Janeiro: Campus; 1984.